



A problemática do prólogo da *De aetatibus* e sua tradução alipogramática

The problem of the prologue of *De aetatibus* and its alipogrammatic translation

Tradução:

Cristóvão Santos Júnior¹

e-mail: cristovao_jsjb@hotmail.com

orcid: <http://orcid.org/0000-0002-5797-7192>

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v8i1.31811>

RESUMO: Esta é a primeira tradução alipogramática para a língua portuguesa do prólogo da obra *De aetatibus mundi et hominis*, creditada ao escritor africano Fulgêncio, o Mitógrafo. Inserida no período da Antiguidade Tardia, a *De aetatibus* se trata de um lipograma consecutivo subdividido em 14 Livros, em que se evita o emprego de unidades lexicais que contenham os grafemas relativos às 14 letras iniciais do alfabeto adotado por seu compositor. Ademais, embora exista uma discussão acerca do caráter constrangido do prólogo, busca-se, nesta tradução, seguir a conformação alipogramática presente na edição crítica de Rudolf Helm (1898). Note-se, por fim, que este trabalho se insere em um projeto de pesquisa mais abrangente, que visa à elaboração de duas propostas tradutórias diversas da *De aetatibus*, uma lipogramática, voltada para a valorização de sua dimensão poética, e outra alipogramática, destinada, sobretudo, aos que almejam acessar o texto de partida latino através de uma linguagem mais fluida.

PALAVRAS-CHAVE: Fulgêncio; lipograma; Antiguidade Tardia; escrita constrangida; tradução

ABSTRACT: This is the first alipogrammatic translation into Portuguese of the prologue of the work *De aetatibus mundi et hominis*, credited to the African writer Fulgentius, the Mythographer. Inserted in the Late Antiquity period, *De aetatibus* is a consecutive lipogram subdivided into 14 Books, in which the use of lexical units containing graphemes related to the 14 initial letters of the alphabet adopted by its composer is avoided. Furthermore, although there is a discussion about the constrained character of the prologue, this translation seeks to follow the alipogrammatic conformation present in the critical edition of Rudolf Helm (1898). Finally, it should be noted that this work is part of a more comprehensive research project, which aims to develop two different translation proposals from *De aetatibus*, one lipogrammatic, which seeks to highlight its poetic dimension, and another alipogrammatic, aimed, above all, at those who wish to access the Latin text through a more fluid language.

KEYWORDS: Fulgentius; lipogram; Late Antiquity; constrained writing; translation

¹ Doutorando em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Brasil, sob a orientação do Prof. Dr. José Amarante Santos Sobrinho e coorientação da Profa. Dra. Eliana Correia Brandão Gonçalves. Mestrando em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador, Brasil, sob a orientação da Profa. Dra. Maria da Conceição Reis Teixeira.



O escrito intitulado *De aetatibus mundi et hominis* (*Das idades do mundo e da humanidade*) diz respeito a um relevante testemunho artístico, tratando-se do mais antigo lipograma de que se tem uma efetiva atestação, consoante os dizeres do oulipiano Georges Perec (OULIPO, 1973). Nesse sentido, existem relatos que indicam a existência de lipogramas ainda mais pretéritos, todavia, de todo esse conjunto teriam remanescido apenas alguns fragmentos em grego antigo, que foram atribuídos a Laso de Hermione. A *De aetatibus* se insere, desse modo, em uma tradição de escrita constringida que teve uma certa difusão na Antiguidade Tardia e na Idade Média, alcançando grande produtividade já no século XX, por via do Concretismo².

A modalidade compositiva lipogramática é marcada pela deliberada omissão de um ou mais grafemas, de modo a engendrar uma constrição linguística em que se evita o emprego de determinadas unidades lexicais. A *De aetatibus*, mais especificamente, é um lipograma consecutivo, tendo em conta que seu autor Fulgêncio a dividiu em catorze seções, evitando, em cada uma delas, o uso de uma determinada letra, o que foi empreendido de ‘a’ a ‘o’, seguindo-se a sequência inicial de seu alfabeto líbico-latino³.

Nesse vértice, é possível que a oposição entre os grafemas ‘a’ e ‘o’ seja lida como referente ao litúrgico antagonismo entre o alfa e o ômega, enquanto o princípio e o fim em termos teológicos. Tal consideração merece, entretanto, ressalvas, na medida em que ainda é discutível a integralidade da *De aetatibus*. Nesse sentido, alguns comentadores questionam, inclusive, a falta de emprego pelo Mitógrafo de todas as letras de seu alfabeto, conforme ele mesmo parece, no prólogo, sugerir que realizará, algo que o próprio leitor poderá verificar mais adiante.

Não há muitos dados para uma razoável compreensão acerca da vida de Fábio Planciades Fulgêncio, que, até mesmo, já foi muito confundido com um homônimo, o Bispo de Ruspe⁴. Dessa maneira, muitos de seus estudiosos acabam recorrendo a referências intratextuais, citações e, até

² Alguns dados relativos à tradição de escrita constringida são examinados no artigo de Cristóvão Santos Júnior (2019) denominado *Rastros da Tradição Literária Experimental*, disponível em <<https://portalseer.ufba.br/index.php/estudos/article/view/30441>>, no artigo *Elementos da Tradição Palindrômica Antiga*, realizado por Cristóvão Santos Júnior em coautoria com José Amarante (2019), disponível em <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afuente/article/view/12287>> e no artigo *Vestígios do experimentalismo poético greco-latino*, elaborado por Cristóvão Santos Júnior (2020) e disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2020v25n1p172>>.

³ Em conformidade com as leituras de Whitbread (1971) e Manca (2003), considera-se que o alfabeto de Fulgêncio é similar ao nosso atual de língua portuguesa com a supressão da letra ‘w’ e das ramistas ‘v’ e ‘j’.

⁴ Outrora considerados um único autor, o Mitógrafo e o Bispo de Ruspe compartilham um conturbado processo de transmissão de seus escritos, que é analisado, em língua portuguesa, por Cristóvão Santos Júnior (2019) no artigo “O problema da transmissão textual entre os dois Fulgêncios”, disponível no seguinte sítio eletrônico: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/6976>>.

mesmo, elementos de ordem estilística, a fim de tentar conhecer um pouco mais a respeito desse escritor. De qualquer modo, é notável a repercussão de suas composições, que tiveram eco em autores como os Mitógrafos do Vaticano, Dante Alighieri e Giovanni Boccaccio.

A crítica, em geral, costuma considerar que nosso lipogramista teria vivido no norte do continente africano entre o final do século V e início do século VI, inserindo-se no período denominado de Antiguidade Tardia. Assim, esta pesquisa também se volta ao preenchimento de uma lacuna perquisitiva, tendo em vista que, no Brasil, são poucos os estudos acerca dessa faixa temporal e ainda menores os relativos a esse autor em particular⁵.

Meditando acerca do eixo temático do lipograma, deve-se sublinhar que Fulgêncio, amparado por um prisma moral cristão, ambiciona descrever as etapas cronológicas do mundo e do ser humano. É curioso o fato de que seu lipograma não apresenta datações explícitas, muito embora pretenda consubstanciar alguma relevância historiográfica.

Na *De aetatibus*, é desenvolvido um conjunto diverso de narrativas calcadas nas Escrituras Sagradas. Apenas a título de exemplo, o segundo Livro (*Ausente B*) concerne à Arca de Noé, o terceiro (*Ausente C*) diz respeito ao mito do surgimento das línguas com a Torre de Babel, o quarto (*Ausente D*) se refere à passagem bíblica de Abraão e seu filho Isaque e o décimo segundo (*Ausente M*) já é alusivo à vida de Jesus Cristo⁶. Nesse sentido, esse lipograma acaba por plasmar uma determinada perspectiva religiosa do homem medieval, de modo que também adquire importância para estudos históricos, teológicos e filosóficos.

Nesses termos, o presente trabalho está vinculado a um projeto de pesquisa mais amplo, que objetiva empreender duas traduções, até então inéditas em língua portuguesa, para a *De aetatibus*, uma lipogramática e outra alipogramática. Isso decorre dos múltiplos interesses possivelmente derivados dessa obra, que pode vir a ser examinada pelo público em geral ou por pesquisadores de áreas diversas. '

A versão alipogramática será destinada, sobretudo, àqueles que pretendam ter facilitado o acesso ao texto de partida latino, buscando uma linguagem mais fluida. A versão lipogramática, por sua vez, enfatizará a dimensão poética da obra, de forma a ressaltar a constrição linguística, suas figuras de linguagens e determinados operadores argumentativos.

⁵ No que tange ao cenário brasileiro, também podem ser mencionados os estudos fulgencianos realizados por José Amarante (2019), tradutor das *Mythologiae*, Raul Moreira (2018), tradutor da *Virgilianae Continentiae*, Shirlei Almeida, tradutora da *Sermonum* e Marcos Martinho Santos (2016), que examinou interferências de Fulgêncio na *Genealogia deorum gentilium* de Giovanni Boccaccio.

⁶ Também empreendidas por Cristóvão Santos Júnior (2019 e 2020), as traduções lipogramáticas dos livros II, III, IV e XII já podem ser lidas, respectivamente, nas seguintes publicações: “Refletindo a fenomenologia de uma tradução lipogramática da *De aetatibus mundi et hominis*”, disponível em <<http://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/26875>>, “Fulgêncio sem a letra ‘c’: tradução do Livro III do lipograma *De aetatibus mundi et hominis*”, disponível em <<https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/26021>>, *Traduzindo o quarto Livro do lipograma fulgenciano*, disponível em <<https://seer.ufs.br/index.php/apaloseco/article/view/12956>> e “A vida de Jesus Cristo sem a letra ‘m’, por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução do Livro XII do lipograma *De aetatibus mundi et hominis*”, disponível em <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/phaos/article/view/13496>>.

Sem dúvidas, a escrita com a omissão de letras acaba, por vezes, impelindo seu compositor a recorrer a um conjunto de subterfúgios retóricos, que foram, até mesmo, explorados por Fulgêncio. O Mitógrafo se valeu de supressões, circunlóquios e uma série de metáforas, a fim de contornar as restrições assumidas. Como resultado, seu lipograma acabou adquirindo uma particular produtividade linguística, assinalada por um caráter nebuloso e rebuscado.

Uma tradução lipogramática de um texto que já apresenta tais marcas poderia, inclusive, acentuar tal obscuridade, de modo que talvez não seja tão interessante para um pesquisador que queira, mais imediatamente, acessar o texto em sua conformação latina. Nesse sentido, outra questão notável concerne à própria oscilação estilística observável ao longo da *De aetatibus*. Considerando que, em cada seção, o desafio linguístico muda, suas unidades adquirem uma feição poética singular.

Os Livros com constrição vocálica impõem dificuldades tradutórias muito maiores do que aqueles com restrição consonântica. Assim, é muito mais penoso traduzir a narrativa inicial sem empregar vocábulos com a letra ‘a’ do que traduzir o Livro XI, em que a letra “evitada” é ‘k’, pouco frequente em latim e em português. Verifica-se, então, ainda mais justificável a dupla publicação das traduções atinentes aos segmentos que possuam limitação acerca do emprego de vogais.

Assim sendo, nosso projeto, visando a atender finalidades distintas, busca precisamente fornecer produtos diversos e que estejam alicerçados em critérios tradutórios similarmente diferenciados. Desse modo, ao término desta empreitada, poderá o leitor, a depender de seus interesses, confrontar essas duas versões. Note-se, ainda, que, para além de nossa pesquisa, ainda em desenvolvimento, a *De aetatibus* só conta com duas traduções alipogramáticas, uma para o inglês, efetuada por Leslie Whitbread (1971), e outra para o italiano, empreendida por Massimo Manca (2003).

Pensando mais detidamente acerca do prólogo desse lipograma, também merece sinalização uma problemática de ordem filológica. Conforme a edição crítica de Helm (1898), o prólogo seria alipogramático, de modo que as constrições linguísticas se iniciariam apenas a partir da narrativa do Pecado Original. Ocorre que Manca (2003) defende que o prólogo seria, em realidade, lipogramático, integrando o Livro I. Para tal, esse estudioso italiano alega desproporção no tamanho desse segmento textual, além de um relativo descuido quanto ao exame dos manuscritos por parte de Helm, sustentando, ainda, que a maior parte dos registros em ‘a’ diriam respeito ao ditongo ‘ae’, podendo tais vocábulos terem sido alvo de simplificação em ‘e’.

Embora não se afigure efetivamente conclusiva, a perspectiva analítica de Manca nos enriquece com um novo olhar e horizonte tradutório acerca da *De aetatibus*. Assim, nosso projeto também é incrementado com suas contribuições, de modo que será empreendida uma tradução assinalada pelo paradigma constritor, a qual integrará nossa versão final lipogramática.

Por fim, também atentando para a edição crítica do século XIX, até hoje considerada, na área de Clássicas, como grande referência para estudos fulgencianos e, nessa senda, buscando igualmente valorizar a própria história textual da *De aetatibus*, também se verifica proveitosa uma tradução

não restritiva de seu prólogo. Desse modo, optou-se, neste momento, em seguir a conformação apresentada no trabalho de Helm, de modo que o texto de chegada agora apresentado integrará a versão alipogramática de nosso projeto.

Texto de partida latino

Oportuit quidem, uirorum excellentior, hoc nostro quo nuper regimur temporis cursu perenni potius studere silentio et non dicendi studio, praesertim ubi nihil plus nisi de nummi quaestu res uertitur et conquirendi lucri perennis sollicitudo cotidie mentibus suppuretur; cupido etenim sensui non sermo dicentis comptior, sed offerentis est dulcior. In his non lugentum luctus intenditur, non miserorum gemitus condoletur, sed solius colligendae pecuniae commodo pernox compotus ducitur; cupidae enim menti fit et uox humilis. Et crede, teste Deo nostro confiteor, uolui tuum in his opusculis praeceptum spernere, nisi hoc meo indixissem ingenio, tuo nullo modo inobediens inueniri imperio. Esto ergo contentus huic oneri, quod tibi florulentis Pieridum decerpimus hortulis et sicut Euristeus mihi inponendo sudori Herculeo praefuisti. Sic quoque nostris opusculis intentus quaesumus incubes lector, ut, si — quod minime puto — iniunctum opus tuo non displicuerit legendum iudicio, poeticum felix gessi negotium, sin uero obscuro stultitiae nubilo tenebrescit inconditus sermo, in silentii cinerem sepultae migrentur necesse est tot lucernae peruigiles et sine effectum honoris [p. 130 Helm] productae usque in crepusculum noctes. Ergo decuit, mi domine, cuius propter hoc nostrum ordiri libellum uideor uel quo inpellente opus durissimum subire cognoscor, in hoc excellenti superboque negotio, ubi ingenii potius exerceri debuit celsitudo, elementorum ut peruides ordini non seruire, quo mirifici operis dispositio decorum non fugisset eloquium; dum enim mens litteris fugiendis studet, minus idoneum opus efficiet; sudor quippe est estuosi spiritus, ubi quidquid decorum inueneris ponere non licebit, dum illic litterae quae fugiuntur inpegerint; de tuo enim conice mentis ingenio, utrumne, dum inter illud quod queris id quod non uis inueneris, quibus ingenii estibus suffocaris. Ergo semel indicto seruiens ex inpositione negotio melius duco minus compe dicere et ex rei praesumptae ordine nullo modo dissilire. Quaeso ergo te, domine, ut non rusticiter me sensisse diiudices, dum sublime non profertur eloquium; est enim in nobis copiosum dictionis enormeque fluentum, quod nostrum opus mirifice pingeret, si huius propositae rei impeditio non obsesset. Dixisti enim legisse te librorum bisduodenum uolumen Xenofontis poetae in singulis libris singulis litteris diminutis, quod quidem opus mirificum cuncti qui interfuimus iuste praetulimus; sed illic forte nec nominum ordo interfuit cum suis litteris subducendus, et penes Grecos licet in litteris uertere, ubi quilibet necessitudinis constringitur forcipe, ut e in i et o in u, quod penes Libicos inuenitur inlicitum. Quid ergo ego in primi hominis nomine eiusque coniugis uel duorum filiorum perpessus sum quoue sudore usque in internicione constrictus, [p. 131 Helm] ut, quos ordo scripturae dicendos exigeret, illorum nominibus uti penitus non liceret. Sed dicetur mihi: mirum opus non esset, si districtio huius rei quaerendae non

intercideret. Ergo praetermissis libelli principiis rerum nobis exhinc sumendus est tenor. Viginti igitur et duobus elementis penes Hebreos ordo loquendi disponitur, uno itidem superiecto nostrae linguae profusio, sed et Rom<an>ae colligitur; sin uero tertiae sequentem litterae superieceris signum, Graecae linguae necesse est integrum ut monstretur effectum. Ergo ex quo in his operibus Grecum praecessit ingenium, oportet deinceps nostrae linguae medium ordinem consequi, quo non bis duodeno uel bis undeno, sed Grecis uno elemento subducto et Hebreis uno superinposito unicus ordo Libico monstretur in numero. His ergo uiginti et tribus elementorum figuris, in quibus uniuersus loquendi cursus colligitur, mundi ipsius hominisque discretis temporibus ordines coaequemus necesse est. In id enim, et homo quod crescit et mundus quod uiuit et numerus elementorum quod colligitur, inuenitur in nostro libro rerum omnium concors digestio; ut, dum unitos continentiae nodulos in ordinem rei digestos inspexeris, inuenies et plenissime conscriptos hominum mores et mundi dilucidos ordines et in litteris cursus sibi similiter congruentes et, quod his omnibus excellentius emireris, in singulis libris singulis litteris rite subductis, dum primus primum, secundus secundum, sic usque postremus [p. 132 Helm] postremum liber sibi diminuendo perdidit elementum. Constringitur enim noster dicendi sermo huius interdictionis forcipe domitus, cui quidem solertissime seruiendum est, ne in id, quod fugiendum proposuimus, incurrisse quolibet modo legentium iudicio denotemur. Igitur si secundum Grecorum elementorum ductus loquendique morem, ubi ex primae figurae sigillo usque in postremum ω sibi DCCC numeri colliguntur, nostrae scholae uolueris conferre primordium et Romuleis Libicisque litteris orientis iungendum duxeris conputum, nullo modo sibi similes coire poterunt ordines; neque enim k et h Greco concordēs sunt; episemon quoque et cuf quod Grecus pro numeris interposuit, Romulidum ordo non inuenit. Ergo occurrunt in nostris litteris, si secundum illos numeros usque in postremum z, D, quo duodecies quingenteni mundi uiuentis indicent tempus; sin uero duodecies duodeni, uitae hominis necesse est monstretur excursus; item dum duodecies uiginti tres collegeris, nouem mensium et sex dierum repperies numerum, certissimum ex utero hominis procedentis egressum, ut unde generis primordium sumitur, illinc quoque mortis ordo signetur. Ergo sicut in homine uiginti et tribus lustris mores ordinesque uertuntur et uiginti tribus elementis totius sermonis ordo colligitur, sic quoque et in mundo XX et tres temporum disponendi sunt motus, quo singulis quibusque, ut dictum est, libris et singulorum litterae obseruentur et mores uitaeque hominum picturentur et mundi ipsius res gestae lucidius demonstrantur.

Texto de chegada em língua portuguesa

Ó mais excelente dos homens, foi seguramente apropriado nesta nossa eterna transcurso temporal, através da qual ultimamente somos governados, pensar ao invés de ficar em silêncio, e não se dedicar à eloquência, principalmente quando nada além do ganho de dinheiro movimenta as ações,

e a eterna ambição de auferir lucro seja quotidianamente supurada pelas consciências humanas⁷.

De fato, para quem tem propensão para a avareza, não é mais proveitosa a linguagem de quem fala, mas é mais doce a de quem lhe oferece algo. Entre estes, o lamento dos lamentosos não é observado, a lamúria dos miseráveis não ganha compaixão, mas o cálculo que dura toda a noite é computado, com a finalidade de que cada tostão seja devidamente coletado.

De fato, a fala também se torna baixa para uma consciência avarenta. E acredite, eu admito, com Deus por testemunha, que eu quis recusar nesta obra a tua determinação, se não tivesse obrigado minha inteligência a isto: não ser cogitado, de forma nenhuma, transgressor de tua imperiosa solicitação. Portanto, que, agora, tu fiques satisfeito com esta incumbência, que colhemos por ti nos floridos jardins das Piérides, e que tu ordenaste, assim como Euristeu, me obrigando a um suor hercúleo.

Também assim, ó leitor, imploramos que tu te incumbas a ficar atento a nossa obra, a fim de que, se por teu julgamento – o que absolutamente não acredito – a obra requerida não tiver sido desagradável ao ler, eu terei, felizmente, realizado um trabalho poético. Se, ao contrário, a expressão se nubla grosseiramente pela obscura névoa da inabilidade, é necessário que, desprovidas de um desenlace honrável, muitas lamparinas de longas vigílias e noites prolongadas até o amanhecer sejam levadas sepultadas na cinza do silêncio.

Portanto, meu senhor – por causa, aqui, de nosso livrinho, que eu pareço iniciar, ou pelo qual pareço aguentar forçosamente uma obra duríssima, neste encargo marcado por extraordinária grandiosidade, onde a elevada magnitude da inteligência teve, preferivelmente, que se exercitar de forma exaustiva – foi adequado, como tu vês claramente, não ser escravo de um arranjo sequenciado das letras do alfabeto, de forma que a disposição desta obra prodigiosa não tivesse abandonado a elegante eloquência.

De fato, a inteligência produziria uma obra menos louvável caso não se dedicasse às letras que devem ser evitadas. Sem dúvidas, é suor de um ânimo agitado, em que não será autorizado colocar cada elegante elemento que tenhas encontrado, enquanto as letras que são evitadas se tenham constrangido. De fato, imagina, de tua inteligência mental, se por acaso tu serás sufocado pelos ardores da inspiração, quando, entre aquilo que procuras, encontrarás o que não desejas.

Portanto, uma vez sendo escravo, por uma imposição, ao encargo determinado, começo melhor me expressando menos elegantemente, e não me separando, de nenhuma forma, da sequência das coisas antecipadamente tomadas. Portanto, te imploro, Senhor, não creias que eu tenha me expressado grosseiramente, ainda que a fala não seja proferida formidavelmente.

De fato, há, em nós, um enorme e abundante rio de eloquência, que extraordinariamente coloriria nossa obra, se não obstasse a restrição da empreitada proposta. De fato, tu disseste ter lido vinte e quatro volumes de livros do poeta Xenofonte, em livros individualizados, fragmentados por letras individualizadas, obra, sem dúvidas, extraordinária, que nós todos que participamos daquela

⁷ É notável a recorrência nos prólogos fulgencianos de uma elocução de lamento.

ocasião celebramos. Mas ali, casualmente, não havia uma sequência dos nomes que devesse ser subtraída com suas letras. Ademais, entre os gregos, é autorizado realizar trocas nas letras, como ‘e’ por ‘i’ e ‘o’ por ‘u’, quando quem quer que seja é constringido pelas tenazes da imposição, o que, entre os líbicos, não é facultado.

O que, então, eu agüentei com o nome do primeiro homem e de sua mulher ou de seus dois filhos, ou com qual suor me mantive constringido até a morte, de forma que não fosse, absolutamente, autorizada a menção daqueles por seus nomes, os quais a sequência da escritura exigiria que fossem mencionados! Mas me será dito: não seria uma obra extraordinária, se a dificuldade desta atividade, que deve ser aspirada, não se manifestasse.

Portanto, deixadas de lado as premissas do livrinho, destas nossas atividades, se dê a continuação que deve ser conduzida. Então, entre os Hebreus, o alfabeto dispõe de vinte e duas letras. A exuberância de nossa língua, mas que é também aquela de Roma, é enriquecida, semelhantemente, por uma única a mais, mas se, em verdade, tu acrescentasses o sinal sucessivo da terceira letra, necessariamente teria sido indicada toda a potência da língua grega⁸. Portanto, já que nestas obras antecedeu a inteligência grega, é apropriado seguir, sucessivamente, a sequência média da nossa língua, em que não há duas vezes doze ou duas vezes onze, mas, subtraída uma letra aos gregos e adicionada uma outra aos hebreus, se indica a sequência única em registro líbico. Portanto, a estes vinte e três caracteres de letras, nos quais se acolhe o caminho universal da fala, é necessário que comparemos, diferenciadas as idades, as sequências do próprio mundo e do homem.

De fato, nisso, se encontra, em nosso livro, uma disposição harmônica de todas as coisas, e não só o homem se desenvolve, como também o mundo que vive e o arranjo das letras que se segue, de forma que quando tiveres examinado as partes unitárias da matéria da obra, dispostas na sequência dos acontecimentos, encontrarás não só os costumes dos homens plenamente listados, mas também os esclarecedores desenrolamentos do mundo. Além disso, as sequências das letras, são, semelhantemente, compatíveis entre si, e – o que admirarás mais excepcionalmente do que tudo isso – nos livros individuais, foram abolidas, religiosamente, as letras individualizadas, no primeiro a primeira, no segundo a segunda, e assim até que o último livro, fragmentando a si, tenha deixado a última letra.

De fato, nosso estilo de narrar se limita, domesticado pelas tenazes desta proibição, a que, todavia, deve ser habilmente lapidado para que, com isso, não sejamos acusados pelo juízo dos leitores de ter, agora, de qualquer forma, recaído naquilo de que planejamos escapar.

Portanto, se segundo a sequência alfabética e a forma de falar dos gregos, em que a partir da primeira letra até a última, ω ômega, se acrescenta 800 à soma, tu terás desejado verificar as lições iniciais da nossa escola e terás considerado que o cálculo deve ser conjugado para as letras romanas e líbicas do oriente, de forma que as sequências não poderão equivaler-se. De fato, o ‘k’ e o ‘h’ não correspondem ao grego. O alfabeto dos Rômulos também não assinala a utilização do sinal aditivo ‘cuf’.

⁸ É patente, neste trecho, o rebuscamento da escrita de Fulgêncio que tece uma larga elaboração poética para afirmar que seu alfabeto latino possui 23 grafemas, a diferença do grego com 24.

que o grego inseriu nos números. Então, em nossas letras, os caracteres se contrapõem, se segundo aqueles tu contares até o último elemento ‘z’, 500, com que indicarão a idade de doze vezes cinquenta de existência do mundo. Mas se, em realidade, contares doze vezes doze, será necessariamente indicada a trajetória da vida do homem. Igualmente, quando tiveres multiplicado por vinte e três, tu encontrarás o número de nove meses e seis dias, que indica a idade estabelecida para o nascimento do homem, de forma que de onde se reconheça a origem da criação, daí também se assinalaria o caminho da morte.

Portanto, como os costumes e os acontecimentos praticados pelo homem estão registrados em vinte e três lustros, e toda a sequência discursiva se realiza a partir de vinte e três letras, assim também, no mundo, há um andamento de vinte e três idades de tempo que devem ser dispostas, de forma que, como foi dito, sejam observadas, nos livros individuais, não só as letras específicas, mas também os costumes e as vidas dos homens, e se demonstrem os acontecimentos do próprio mundo com clareza.

Referências bibliográficas:

- ALMEIDA, S. A **‘Expositio Sermonum Antiquorum’, de Fulgêncio, o Mitógrafo**: estudo introdutório, tradução e notas. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) PPGLitCult, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- AMARANTE, J. **O livro das Mitologias de Fulgêncio**: os mitos clássicos e a filosofia moral cristã. Salvador: Edufba, 2019.
- FULGENTII, F. **Opera**. Edição de Rudolf Helm. Lipsiae: Teubner, 1898.
- MANCA, M. **Le età del mondo e dell’uomo**. Allessandria: Edizioni dell’Orso, 2003.
- MOREIRA, R. **A “Exposição dos conteúdos de Virgílio”, de Fulgêncio**: estudo introdutório e tradução anotada. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) PPGLitCult, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- OULIPO. **La littérature potentielle**: créations, re-créations, récréations. Paris: Gallimard, 1973.
- SANTOS JÚNIOR, C. Rastros da tradição literária experimental. **Estudos linguísticos e literários**, n. 62, pp. 130-147, 2019. doi: 10.9771/ell.v0i62.30441. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/estudos/article/view/30441>.
- SANTOS JÚNIOR, C. O problema da transmissão textual entre os dois Fulgêncios. **Tabuleiro de Letras**, v. 13, pp. 208-226, 2019. doi: 10.35499/tl.v13i2.6976. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/6976>.
- SANTOS JÚNIOR, C. Refletindo a fenomenologia de uma tradução lipogramática da *De aetatibus mundi et hominis*. **Percursos linguísticos**, v. 9, pp. 101-119, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/26875>.
- SANTOS JÚNIOR, C. Traduzindo o quarto Livro do lipograma fulgenciano. **A Palo Seco**: Escritos de Filosofia e Literatura, n. 12, pp. 90-94, 2019. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/apaloseco/article/view/12956>.
- SANTOS JÚNIOR, C. Fulgêncio sem a letra ‘c’: tradução do Livro III do lipograma *De aetatibus mundi et hominis*. **Belas Infiéis**, v. 9, n. 1, pp. 243-249, 2020a. doi:10.26512/belasinfeis.v9n1.2020.26021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfeis/article/view/26021>.

- SANTOS JÚNIOR, C. A vida de Jesus Cristo sem a letra ‘m’: tradução do Livro XII do lipograma De aetatibus mundi et hominis. **Phaos**: Revista de Estudos Clássicos, n. 20, pp. 1-8, 2020b. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/phaos/article/view/13496>.
- SANTOS JÚNIOR, C. Vestígios do experimentalismo poético greco-latino. Anuário de Literatura, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 172-191, jun. 2020. ISSN 2175-7917. doi:10.5007/2175-7917.2020v25n1p172. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2020v25n1p172>.
- SANTOS JÚNIOR, C.; AMARANTE, J. Elementos da tradição palindrômica antiga. **Afluente**, v. 4, pp. 195-213, 2019. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/12287>.
- SANTOS, M. Les références aux Mythologies de Fulgence dans la Généalogie des dieux païens de Boccace. In: Casanova-Robin, H.; Longo, S. G.; La Brasca, F. **Boccace humaniste latin**. Paris: Classiques Garnier, 2016. pp. 251-280.
- WHITBREAD, L. G. **Fulgentius, the Mithographer**. Ohio: State University Press, 1971.

